

**DUBLIN**

Front Line Defenders – Head Office
Second Floor, Grattan House
Temple Road, Blackrock
Co. Dublin, A94 FA39, Ireland

info@frontlinedefenders.org
www.frontlinedefenders.org

phone +353 1 212 3750
fax +353 1 212 1001

BRUSSELS

Front Line Defenders – EU Office
Square Marie-Louise 72
1000 Brussels
Belgium

euoffice@frontlinedefenders.org
www.frontlinedefenders.org

phone +32 2 230 9383
fax +32 2 230 0028

3 de Setembro de 2018

***** PARA LIBERAÇÃO IMEDIATA *****

RELATÓRIO EXPÕE AUMENTO DRAMÁTICO NO NÚMERO DE MORTES DE ATIVISTAS

A Front Line Defenders e a Rede do Memorial de Defensores e Defensoras de Direitos Humanos documentaram mais de 1.000 assassinatos de pessoas defensoras exercendo pacificamente seu trabalho de direitos humanos desde 2014, de acordo com um novo relatório conjunto, *Basta de Assassinatos*, que analisa ataques letais contra ativistas em seis países. Brasil, Colômbia, Guatemala, Honduras, México e Filipinas representam coletivamente mais de 80% de todos os assassinatos documentados de defensores e defensoras. Só na Colômbia, cerca de 100 pessoas defensoras de direitos humanos já foram mortas este ano.

As mortes não são aleatórias. De acordo com a Front Line Defenders, a execução seletiva de ativistas específicos defendendo pacificamente os direitos humanos tornou-se uma epidemia. Em seu Relatório Anual de 2017, a Front Line Defenders relatou a morte de mais de 300 pessoas defensoras de direitos humanos em 27 países. Dois terços dos mortos estavam defendendo o meio ambiente, a terra e os direitos dos povos indígenas, muitas vezes em áreas remotas e rurais, com pouco acesso a proteção, documentação, registro dos casos e justiça. Com base nos dados disponíveis, apenas 12% dos assassinatos resultaram na prisão de suspeitos.

“Em cada um dos países onde o número de mortes está aumentando, a corrupção econômica e o conluio entre o Estado e empresários resultaram em um sistema político projetado para manter as elites no topo e os sem direitos silenciados”, disse Jim Loughran, chefe do Projeto Memorial da Front Line Defenders. “Durante décadas, os governos do Brasil, Colômbia, Guatemala, Honduras, México e Filipinas vêm usando reiteradamente as mesmas desculpas falsas para justificar sua inação – crime organizado, terrorismo, narcotráfico. Eles vendem o mito de que, com o aumento das armas, poderão consertar a situação. Essa análise simplista e perigosa ignora a corrupção como causa básica da violência”.

Basta de Assassinatos inclui um capítulo para cada um dos seis países, escritos em colaboração com ativistas em campo em situações de risco, que enfrentam diariamente ameaças severas para documentar e advogar contra a crescente violência. Apesar das diferenças sociais e políticas, cada um dos seis países sofre com a repressão violenta a dissidentes pacíficos e com sistemas de justiça cooptados pelos interesses corporativos. O relatório também aponta a hipocrisia de governos ocidentais que ostensivamente apoiam a democracia e os direitos humanos, mas continuam a fornecer assistência direta financeira e de segurança a alguns dos regimes mais repressivos do mundo.

“Em todos os países apresentados neste relatório, houve um extenso financiamento, treinamento e fornecimento de armamento, equipamento de vigilância e apoio técnico à polícia, inteligência e forças militares envolvidas no assassinato de pessoas defensoras de direitos humanos”, disse Andrew Anderson, Diretor Executivo da Front Line Defenders. “Ditadores corruptos e populistas autoritários foram encorajados a atacar não apenas defensores e defensoras de direitos humanos, mas a própria ideia de direitos humanos universais”.

Entre as principais causas de assassinatos e violência contra defensores e defensoras de direitos humanos detalhadas no relatório estão:

- campanhas de difamação e desprestígio contra pessoas defensoras de direitos humanos, acusadas de serem “antiestatistas”, “antidesenvolvimentistas” ou forças violentas e desestabilizadoras;
- políticas econômicas que priorizam a exploração implacável dos recursos naturais em vez da proteção do meio ambiente e da terra;
- recusa em reconhecer e proteger os direitos de comunidades campesinas e de povos indígenas;
- falta de sistemas eficazes para documentar e investigar ataques a defensores e defensoras e fornecer-lhes proteção;
- conluio do Estado e/ou seus agentes no assassinato de pessoas defensoras de direitos humanos.

Para mais informações, contatar:

Erin Kilbride
+353857423767
erin@frontlinedefenders.org

NOTA EDITORIAL

O Memorial de Defensores e Defensoras de Direitos Humanos (www.hrdmemorial.org), desenvolvido por uma coalizão de organizações nacionais e internacionais de direitos humanos, coleta dados de casos e homenageia as pessoas defensoras de direitos humanos que foram mortas desde 1998, o ano que a Declaração da ONU sobre Defensores de Direitos Humanos foi adotada por consenso. Pela primeira vez, o site e o banco de dados do Memorial começam a dar uma imagem real da escala dos assassinatos de defensores e defensoras. O Memorial visa não apenas ser um arquivo e um banco de dados, mas também uma homenagem à vida, ao trabalho e às conquistas das pessoas defensoras mortas por causa de seu trabalho pacífico em direitos humanos.

DADOS SELECIONADOS DO RELATÓRIO

Brasil: O Centro de Documentação Dom Tomás Balduino - CPT documentou o assassinato de 66 defensores e defensoras em 2016. Em 2017, houve um aumento no número de assassinatos em massa, de modo que, dos 70 assassinatos registrados naquele ano, 28 pessoas defensoras, representando quarenta por cento, foram mortas durante um massacre.

Colômbia: Embora o acordo de paz entre o governo e os rebeldes das FARC tenha trazido a menor taxa de mortes entre a população em geral dos últimos 30 anos, o número de assassinatos de defensores e defensoras aumentou drasticamente. A situação em 2018 não melhorou – quase 100 pessoas defensoras foram mortas no primeiro semestre de 2018.

Guatemala: Campanhas de difamação contra defensores e defensoras de direitos humanos, a ausência de proteção e a falha em investigar adequadamente os ataques a essas pessoas criaram uma situação na qual elas são mortas com impunidade. Em seus Relatórios Anuais de 2014 a 2017, a Front Line Defenders reportou um total combinado de 45 pessoas defensoras mortas na Guatemala. Dezenove defensores e defensoras foram mortos/as até agora este ano; nove eram integrantes da mesma organização de direitos humanos, CODECA.

Honduras: De 2014 a 2017, a Front Line Defenders documentou um total de 64 pessoas defensoras de direitos humanos mortas neste período de quatro anos. Em contraste com 2016, o número de defensores e defensoras mortos/as em 2017 foi significativamente menor; no entanto, isso está ligado ao clamor internacional em razão da morte de Berta Cáceres, em vez de uma melhoria real na situação de direitos humanos.

México: De junho de 2016 a maio de 2017, houve 1.442 ataques a defensores e defensoras de direitos humanos no México, o que significa 4 ataques por dia. Só nos estados de Chiapas e Oaxaca, duas pessoas defensoras são atacadas a cada dia. No período de 2013-2018 houve 144 assassinatos de defensores e defensoras, sendo 31 em Oaxaca. Em 2017, 48 pessoas defensoras foram mortas; 58% caíram em 4 categorias principais: aquelas que defendem a liberdade de expressão e o jornalismo; aquelas defendendo os direitos dos povos indígenas; aquelas que defendem os direitos à terra/territoriais; e aquelas que defendem o direito a um padrão de vida decente. Vinte e sete pessoas defensoras de direitos humanos foram mortas nos primeiros 6 meses de 2018.

Filipinas: As execuções extrajudiciais continuam a ser a mais grave ameaça enfrentada por defensores e defensoras de direitos humanos nas Filipinas, onde essas pessoas são alvos de longa data: 474 pessoas defensoras foram mortas durante a presidência de Arroyo (2001-2010) e 139 durante a presidência de Aquino (2010-2016). Isso continua no presente. Em seu Relatório Anual de 2017, a Front Line Defenders reportou o assassinato de 60 defensores e defensoras de direitos humanos nas Filipinas, tornando-o o país com o maior número de assassinatos de pessoas defensoras fora das Américas e quase dobrando o número do ano anterior.

FIM